

Comentário mensal Mar/2026

Joule Apadma FIM

O mês que fechamos confirmou uma convicção que vínhamos construindo nas últimas duas cartas: o **mapa global de fluxos de capitais está sendo redesenhado**. Os investidores não estão apenas redistribuindo risco. Estão reavaliando onde o capital encontra espaço, onde os preços ainda guardam assimetrias reais e, sobretudo, onde a combinação entre fundamentos e geografia oferece proteção que narrativas não conseguem replicar.

O mundo antes e depois da guerra

Antes do conflito entre Estados Unidos e Irã, já estava em curso uma rotação significativa de capital. Durante anos, os Estados Unidos funcionaram como um **buraco negro financeiro**, atraindo liquidez global pela força do setor de tecnologia e da revolução de inteligência artificial, somados as “atrativas” taxas de juros no mundo desenvolvido. Essa concentração criou uma fragilidade que os investidores começaram a perceber: valuations altos, déficits fiscais persistentes, **dívida federal aproximando-se de 100% do PIB** e um governo cada vez mais imprevisível em política externa.

Dois catalisadores aceleraram a saída: primeiro, o que recebeu o nome de **“weaponization” do dólar**: o congelamento de reservas russas e ativos privados de oligarcas mostrou ao mundo que os Estados Unidos podiam, unilateralmente, confiscar riqueza denominada em dólares. Bancos centrais, fundos soberanos e family offices levantaram uma bandeira amarela. Segundo, **a aritmética simples de preço**: ativos em mercados emergentes, batidos por anos de desalocação estrutural, ofereciam desconto profundo contra pares americanos negociando em múltiplos de pico.

Não foi necessário um êxodo. **Bastou um ajuste marginal**. Quando um fundo soberano reduz sua alocação americana de 57% para 54% (e o movimento foi dessa ordem), esse pequeno percentual se traduz em dezenas de bilhões de dólares de liquidez para mercados menores. Antes da guerra, Brasil, Chile e México subiam exatamente **40% em dólares**, impulsionados quase inteiramente por essa maré global.

A guerra interrompeu esse movimento e o transformou em algo mais agudo. O fechamento efetivo do Estreito de Hormuz, por onde passam **20 milhões de barris diários**, criou um choque clássico de oferta. E esse choque fez o que choques de oferta fazem: **separou o mundo em dois**.

De um lado, os importadores líquidos de petróleo. Índia, Filipinas, Tailândia, Vietnã, Sri Lanka e o Leste Africano entraram em modo de crise. Racionamento de combustível, estados de emergência, cortes de voos, limitação de ar-condicionado. Não são manchetes distantes. São evidências de que o choque está quebrando cadeias de suprimento em tempo real. Os fundos de emergentes sofreram **US\$ 3,9 bilhões em resgates**.

Do outro lado, os exportadores de commodities. A América Latina, nas palavras de um investidor global, **“tem petróleo, mas não tem guerra”**. O Brasil emergiu como o caso mais limpo. O mercado financeiro adora narrativas e temas dicotômicos.

Temos mais sorte que juízo

Essa frase deveria ser repetida sempre que alguém tentar transformar a posição brasileira em argumento de tranquilidade, isso dito...

O Brasil é um exportador líquido de petróleo que em 2025 **exportou o dobro do Irã**. Quando o Brent sobe, nossas receitas fiscais e de conta corrente melhoram. Quando o Estreito de Hormuz fecha, nosso petróleo pré-sal, que apenas por curiosidade, emite até **70% menos CO₂ por barril** que a média global, chega aos compradores por águas abertas do Atlântico, sem passar por nenhum estreito controlado por potência bélica. Cada crise geopolítica que ameaça uma rota marítima global adiciona um prêmio de risco ajustado ao nosso petróleo, simplesmente porque ele chega. O mundo tem uma reserva significativa de mais petróleo no estoque, **mas o preço reflete o valor da disponibilidade**.

Mas o petróleo é apenas a camada mais visível. O Brasil é o **maior exportador líquido de alimentos do planeta**, projetado para suprir 80% do crescimento global de consumo alimentar nas próximas duas décadas. Gera **87% da sua eletricidade a partir de fontes renováveis**, o que significa que, num mundo que caminha para precificação de carbono, a indústria pesada brasileira parte com uma vantagem de custo que nenhum concorrente desenvolvido consegue replicar. Controla **90% da oferta mundial de nióbio**, mineral essencial para aeroespacial e baterias de próxima geração. Opera como uma democracia continental sem conflitos fronteiriços, que mantém relações comerciais pragmáticas com todos os blocos sem restrições ideológicas. E tem menos da metade do seu território mapeado geologicamente, o que significa que **o upside mineral do país ainda não está precificado**. São vantagens estruturais que existem independentemente de quem governa.

Isso explica por que o **Brasil é o único grande emergente com fluxos líquidos positivos de capital neste momento**. Enquanto fundos de emergentes como um todo sangravam, o país atraiu US\$ 883 milhões contra a corrente, com fluxos estrangeiros superando **R\$ 50 bilhões** nos primeiros três meses do ano.

Mas sorte não é juízo. A vantagem brasileira é geográfica e geológica, não fiscal. Petróleo, alimentos, minerais críticos e logística atlântica criam uma proteção real contra choques externos. Essa proteção não endereça o problema interno.

O que os dados americanos nos dizem

Um aspecto pouco discutido do choque atual está nos detalhes da economia americana, revelados nos mais de cem slides do levantamento do JP Morgan.

Os dados mostram uma economia que parece saudável na superfície, mas que **está se bifurcando por dentro**. Um terço das empresas do índice de small caps americano é estruturalmente deficitária. Essas empresas são quase inteiramente domésticas, com apenas **1,9% de receita internacional**. São negócios que sobrevivem de refinanciamento barato. Com juros de high yield a **7,4%** e empréstimos alavancados a **8,8%**, eles enfrentam um problema crédito que o índice agregado não mostra.

No outro extremo, as megacaps de tecnologia operam com dívida líquida de **0,2x EBITDA** (isso mesmo – as dívidas representam 1/5 do EBITDA) e spreads de crédito mais apertados (risco muito menor) que as empresas “investment grade” como um todo. São mais seguras do ponto de vista de crédito do que utilities ou consumer staples tradicionais. **A taxonomia de “ativo defensivo” está quebrada**.

Essa bifurcação importa para nós porque ajuda a explicar dois fenômenos simultâneos. Primeiro, por que o S&P 500 parece resiliente enquanto a realidade por baixo se deteriora. Segundo, **por que a rotação para emergentes é racional**: o investidor global que olha além das megacaps percebe que a relação risco-retorno em muitos ativos americanos de menor porte é pior do que em emergentes com fundamentos sólidos.

O paradoxo fiscal brasileiro

Se externamente a história é de rotação e bifurcação, internamente ela continua sendo de **compressão de credibilidade**.

O Brasil de abril de 2026 carrega **déficits primários acima de 8% do PIB** e dívida bruta projetada para superar **80% do PIB**, com crescimento real de despesa de 20% em quatro anos. Os juros reais longos permanecem acima de **7%**, o que historicamente funciona como termômetro de febre grave.

Há, porém, uma nuance que merece uma colocação nesta carta: o cenário global de dívida soberana elevada, com os próprios Estados Unidos gastando **mais de um trilhão de dólares por ano apenas em pagamento de juros** sobre sua dívida, torna o endividamento brasileiro um fenômeno menos exclusivo. Governos desenvolvidos também carregam déficits e dívidas recordes. Isso é parte do que explica o interesse renovado em emergentes.

Mas esse contexto é comparação, não correção. Num mundo em que a dívida é generalizada, o investidor olha ainda mais para a qualidade do ajuste e para a capacidade real de rolar essa dívida com juros controlados. O endividamento global torna a crise fiscal brasileira um risco relativo mais fácil de comparar, mas não um risco absoluto menor.

Como dissemos na nossa última carta, **“o mercado não precifica o estoque. Precifica a derivada.”** E a derivada brasileira, até aqui, aponta na direção errada.

A eleição de 2026, nesse contexto, não é apenas uma variável política. É econômica. O que o mercado precifica é a probabilidade de que o próximo governo consiga **entregar disciplina fiscal nos primeiros 90 dias**. Até lá, o Brasil é visto como o “cleanest EM trade” por causa de suas vantagens naturais, não por causa de sua disciplina fiscal. **Essa distinção é a linha que mantém a tese ancorada na realidade**.

Onde o portfólio se ajusta

Foi dentro desse contexto de mudança rápida na distribuição de cenários que conduzimos os ajustes no portfólio.

O fundo encerrou o mês com retorno de +0,5%, desempenho positivo (+20,31% em 2026), refletindo resiliência frente ao segmento de menor capitalização (-5,0% no SMAL11) e alinhamento com o Ibovespa (-0,7%). Em um mês de reprecificação acelerada, **preservar capital é a expressão mais direta de disciplina.**

Nossa leitura inicial foi de que o principal canal de transmissão do choque seria a expectativa de juros. Um petróleo mais alto pressionaria a trajetória de política monetária e penalizaria ativos sensíveis ao custo de capital. Carregamos uma posição controlada em uma cesta de empresas que ganham assimetricamente com uma perspectiva de queda de taxa de juros. Reduzimos exposição nessas empresas e reforçamos PetroRio. A decisão não era uma aposta direcional na commodity. **Era uma escolha de assimetria:** o ativo oferecia exposição ao choque de oferta sem exigir que o petróleo subisse indefinidamente. Do ponto de vista estratégico, nossa posição anteriormente já expressiva em PRIO3 passou a nos oferecer mais do que o crescimento da sua receita em função do preço do petróleo: passou a contrabalancear posições domésticas do nosso portfólio. Como dizemos com frequência, **ficamos sócios de empresas onde vemos valor.** Muitas vezes precisamos segurar firme nossas posições apesar de vermos que o curto prazo não é marginalmente positivo. Nossa posição dilatada em PetroRio fez o hedge fundamentalista que precisávamos.

A PRIO valorizou **mais de 30%** no período. Quando essa valorização comprimiu o retorno esperado (ela chegou próximo do que consideramos justo) e a redução do risco geopolítico começou a reduzir o prêmio do petróleo, o próprio desempenho nos disse que era hora de realocar. **Reduzimos PRIO não porque a tese estrutural se quebrou, mas porque a assimetria mudou.** Essa é a mesma disciplina que justificou os reforços que comentamos a seguir.

Aumentamos **Equatorial**, cuja tese nunca foi um jogo de juros, mas de qualidade operacional: captura consistente de eficiência, controle de custos, redução de perdas e desalavancagem. Condições que abrem espaço para alocação de capital. A companhia se aproxima de um momento relevante, com posicionamento competitivo para capturar oportunidades transformacionais. Em um mercado onde a rotação externa adiciona fluxo a certas teses, **preferimos empresas cuja entrega não dependa do próximo movimento de juros.**

Ampliamos também **BTG Pactual**, que combina valuation atrativo com múltiplas avenidas de crescimento independentes do ciclo imediato. O avanço em consignado privado, a expansão em mercados adjacentes e a geração de retorno ajustado ao risco em diferentes ambientes adicionam opcionalidade que o mercado ainda subestima. Em um portfólio que busca convexidade, essa combinação de **previsibilidade e opcionalidade** ocupa papel central.

A posição em empresas americanas que não têm equivalente direto no Brasil é parte consciente do nosso **hedge estrutural.** Em períodos de estresse político-doméstico, essas posições reduzem a sensibilidade do fundo ao fluxo estrangeiro, permitem operar com perspectiva multianual e preservam convicções de valor sem embarcar em timing de mercado. **Não são uma renúncia ao Brasil.** São um mecanismo de convicção melhor calibrada para um ambiente em que o custo de capital local ainda carrega prêmio político.

O ruído mudou. A lógica permanece.

Março foi um mês de transição. O mercado deixou de operar no regime de convicções simples e passou a exigir distinções mais finas: qual tese precisa de cenário perfeito, qual se sustenta com execução, qual exposição é convicção legítima e qual é apenas narrativa confortável.

Nosso papel não é prever com precisão o desfecho dos eventos. **É ajustar continuamente o portfólio à medida que a assimetria se desloca.** Continuamos ancorados nos mesmos princípios: disciplina de preço, foco em geração de caixa e preferência por negócios que não precisam de um cenário perfeito para criar valor.

São Paulo, 14 de Abril de 2026.



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

Relatório mensal

Fechamento Mar/2026

Cota atualizada em: 31/03/2026
Divulgado em: 01/04/2026

Joule Apadma FIM

Objetivo e Política de Investimento

Joule Apadma FIM é um fundo multimercado com estratégia de *trend following*, busca capturar ganhos através da análise de *momentum* de curto prazo (tendência de continuidade de movimentos). Investe em ativos financeiros de diversas classes como renda variável (ações e ETFs), juros e moedas no Brasil e em mercados globais (*offshore*).

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes acima do CDI (*benchmark*) em qualquer prazo, descorrelacionados com índices de mercados, sem exposição direcional e mantendo a volatilidade esperada entre 1% e 4% ao ano. A política de investimento do Joule Apadma FIM é não-direcional, gerido a partir da disciplina e comprovada experiência do gestor.

O Fundo Joule Apadma FIM representa uma boa alternativa de investimento de curto, médio ou longo prazos.

Público-alvo

Investidores de forma geral que buscam retornos consistentes acima do CDI, descorrelacionados de índices de mercados, e com baixo risco/volatilidade.

Características do Fundo

- Data de Início: 27/12/2018
- Taxa de Administração: 2% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% da rentabilidade acima do CDI (com linha d'água)
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 500,00
- Prazo de Resgate: Financeiro D+3 (cotização D+2)
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: Alíquota de 22,5% a 15% sobre o ganho líquido de acordo com o prazo, retido na fonte no ato do resgate, já deduzidas as taxas de administração e performance
- Classe / Tipo ANBIMA: Multimercados / Multimercados Livre

Administrador:
SINGULARE CORRETORA DE
TÍTULOS E VALORES
MOBILIÁRIOS S.A.

Gestão:
Joule Asset Management

Dados para investimento:
Favorecido: JOULE APADMA FIM
CNPJ: 30.282.464/0001-07
BANCO SINGULARE (363)
Agência: 0001
Conta Corrente: 0042805-4

Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Apadma FIM

Joule Apadma FIM										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	Desde o Início
Joule Apadma FIM	31/03/2026	1.095,66531539	10.047.692,51	1,4	3,4	3,4	6,5	11,6	-7,4	9,6
CDI	31/03/2026	2.016,16	n.a.	1,2	3,4	3,4	7,1	14,8	27,7	89,4
% do CDI				114,45	98,92	98,92	9125	78,35	-26,54	10,70

Cota mais recente:

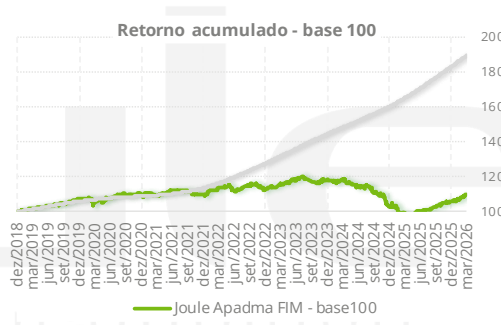
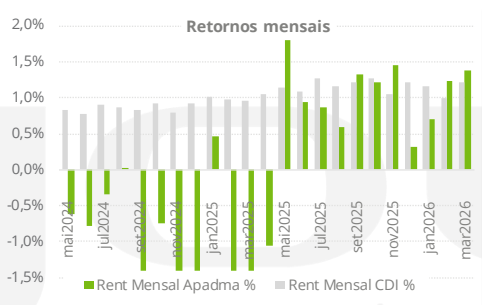
31/03/2026

Histórico de Rentabilidade:

	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2018	Joule Apadma FIM												0,21 *	0,21
	CDI												0,05 *	0,05
2019	Joule Apadma FIM	0,88	0,78	0,29	0,44	0,38	0,28	0,55	0,71	0,13	0,98	0,81	1,03	7,49
	CDI	0,54	0,49	0,47	0,52	0,54	0,47	0,57	0,50	0,46	0,48	0,38	0,37	5,96
2020	Joule Apadma FIM	-0,26	-0,43	-1,03	0,47	0,71	0,50	1,53	0,46	-0,27	-0,32	0,88	0,03	2,28
	CDI	0,38	0,29	0,34	0,28	0,24	0,21	0,19	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	2,76
2021	Joule Apadma FIM	0,12	-0,23	-0,73	0,87	1,19	0,79	-0,12	-0,17	-0,59	-1,70	0,33	0,11	-0,17
	CDI	0,15	0,13	0,20	0,21	0,27	0,31	0,36	0,43	0,44	0,49	0,59	0,77	4,42
2022	Joule Apadma FIM	1,76	0,38	1,39	0,26	0,76	-2,24	-0,18	2,18	0,19	0,68	-1,31	-0,81	3,00
	CDI	0,73	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	1,17	1,07	1,02	1,02	1,12	12,39
2023	Joule Apadma FIM	1,33	-0,59	1,45	0,93	1,11	0,33	1,34	-1,24	-1,07	-1,01	1,84	0,02	4,44
	CDI	1,12	0,92	1,17	0,92	1,12	1,07	1,07	1,14	0,97	1,00	0,92	0,89	13,04
2024	Joule Apadma FIM	-0,46	-0,22	0,65	-1,85	-0,62	-0,79	-0,34	0,03	-2,82	-0,74	-1,46	-5,13	-13,02
	CDI	0,97	0,80	0,83	0,89	0,83	0,79	0,91	0,87	0,84	0,93	0,79	0,93	10,88
2025	Joule Apadma FIM	0,47	-3,61	-1,47	-1,05	2,02	0,95	0,87	0,59	1,33	1,22	1,45	0,33	3,00
	CDI	1,01	0,99	0,96	1,06	1,14	1,10	1,28	1,16	1,22	1,28	1,05	1,22	14,32
2026	Joule Apadma FIM	0,71	1,24	1,39										3,37
	CDI	1,16	1,00	1,21										3,41

* início do fundo em 27/12/2018

Cota mais recente: 1095,7



Risco

O Joule Apadma FIM busca manter baixa volatilidade, *target* do fundo é de 3% a.a. não ultrapassando 5% a.a.

Risco	Apadma	CDI
Volatilidade anual - desde o início	3,53%	0,26%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	2,30%	0,00%
Sharpe - desde o início	-2,25	n.a.
Sharpe - últimos 3 meses	-0,07	n.a.
Maior retorno mensal	2,18%	1,28%
Menor retorno mensal	-5,13%	0,05%
Meses positivos	56	88
Meses negativos	32	0
Meses acima do CDI %	33,0%	n.a.
Meses abaixo do CDI %	67,0%	



Patrimônio Líquido

	Apadma
Patrimônio líquido	10.047.692,51
Patrimônio líquido médio 12 meses	9.785.349,94
Atualizado em:	31/03/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br